

## ONESTALDO DE PENNAFORT

Théophile Gautier  
PREFÁCIO AOS ESMALTES E CAMAFEUS

Durante a guerra, erguendo a lira,  
Goethe, ao som do canhão brutal,  
fez o *Divan Occidental*,  
oásis fresco onde a arte respira.

E a Shakespeare como prefira  
Nisamí, banhado em santal,  
Goethe, num metro oriental,  
nota o canto que Hudhud suspira.

Como Goethe em Weimar queria  
isolar-se das cousas vis,  
desfolhando as rosas de Hafiz,

surdo ao furacão que esfuzia  
e fustiga as vidraças, eu  
faço um *esmalte* e um *camafeu*.

Théophile Gautier  
A ARTE

Sim, a obra sai mais bela  
do árduo trabalho adverso,  
seja ela  
mármore, esmalte ou verso.

A afetação recusa!  
Para andares direito,  
ó Musa,  
calça um coturno estreito.

Foge ao ritmo usado  
que, de tão fácil, é  
calçado  
que serve em qualquer pé.

Deixa a argila, estatuário,  
que entre os dedos esmagas,  
se, vário,  
com o espírito divagas.

E luta com o carrara  
e o páros – pedra dura  
e rara  
em que a forma se apura.

Ou toma a Siracusa  
seu bronze em que, flagrante,  
se acusa  
o heril traço elegante.

Num veio de onicolo,  
que a tua mão sutil  
de Apolo  
esmerilhe o perfil.

Pintor, foge a aquarela  
e fixa, antes, a cor,  
qual pinta,  
com o fogo, o esmaltador.

Foge a glauca sereia  
que a cauda em contorsões  
meneia,  
e os monstros dos braços;

no seu nimbo trilobo,  
a Virgem e o Jesus;  
o globo  
tendo por cima a cruz.

Tudo passa. A arte é eterna,  
quando forte em verdade.  
A herma  
sobrevive à cidade.

E a medalha enterrada  
que pelo lavrador  
é achada,  
mostra um imperador.

Nem mesmo os deuses duram;  
porém, quando são tersos,  
perduram,  
mais do que o bronze, os versos.

Cinzela, esculpe, lima;  
que o sonho evanescente  
se imprima  
no bloco resistente!

Guillaume Apollinaire  
SALOMÉ

Para que uma vez mais João Batista sorria,  
Senhor, eu dançarei melhor que um serafim.  
Mãe, porque estais imersa em tal melancolia,  
vestida de condessa e ao lado do delfim?

Meu coração, só de escutá-lo, quando eu vinha  
dançar junto ao funchal, batia angustiado.  
Eu lhe bordara lírios numa bandeirinha  
destinada a flutuar no alto do seu cajado.

E agora, para quem farei lírios bordados?  
Seu bordão refloresce às margens do Jordão.  
Vieram prendê-lo, ó Rei Herodes, teus soldados,  
e em meu jardim lírios murcharam desde então.

Vinde todos comigo, além, sob os quincôncios...  
Não chores mais, lindo bufão de reis;  
em vez do tirso, empunha esta cabeça e dança!  
Mãe, sua frente fria está. Não lhe toqueis.

Senhor, ide na frente e que a guarda nos siga.  
Abriremos um fosso e nele o enterraremos  
entre flores, e, em roda, em torno dançaremos,  
dançaremos até que eu perca a minha liga,  
o rei a tabaqueira, a infanta o seu rosário  
e o cura o seu breviário...

Charles Baudelaire  
O ALBATROZ

Às vezes, em recreio, os homens da equipagem  
pegam um albatroz, enorme ave marinha  
que segue, companheiro indolente de viagem,  
o navio que sobre o atro abismo caminha.

Mal no convés se vê, todo desconjuntado,  
logo esse rei do azul, em passos desiguais,  
como dois remos, põe-se a arrastar a seu lado,  
desajeitadamente, as asas colossais.

Esse alado viajor, como é grotesco andando!  
Ei-lo horrível e inerte, ele que antes pairava!  
Um chega-lhe o cachimbo ao bico, e outro, coxeando,  
arreda no andar o pobre que voava!

O poeta é o albatroz que nas nuvens se espraia,  
que ri dos vendavais e afronta as setas, no ar;  
exilado no solo, em meio ao riso e à vaia,  
sua asas de gigante impedem-no de andar.

Charles Baudelaire  
CIGANOS EM VIAGEM

A profética tribo, ontem, de olhos ardentes,  
pôs-se em marcha, ora sobre o dorso carregando

os filhos, ora ao seu apetite entregando  
o farto manancial das maminhas pendentes.

A pé, os homens, sob as armas reluzentes,  
junto ao carro que leva os seus, vão caminhando,

os olhos pelo céu soturnos passeando,  
a evocar tristemente as quimeras ausentes.

Vendo-os passar, do seu arenoso recanto,  
ao longe, o grilo dobra o monótono canto...  
E Cibele que os ama exagera as verduras,

faz manar o rochedo e florir o deserto  
ante os viajores, para os quais esplende aberto  
o império familiar das ténbras futuras.

Charles Baudelaire  
CONVITE PARA VIAGEM

Meu amor, procura  
sonhar a doçura  
que seria a vida ali!  
Amar com lazer,  
amar e morrer  
num país que é igual a ti!  
Os sóis orvalhados  
desses céus turvados  
teriam o mesmo encanto  
dos teus misteriosos  
olhos enganosos  
brilhando através do pranto.  
Lá tudo é ordem, sutileza,  
calma, volúpia e beleza.  
Os móveis polidos,  
com o tempo brunidos,

nosso aposento ornariam.  
As mais raras flores,  
mesclando os odores,  
ao âmbar se mesclariam.  
Suntuosos tetos,  
espelhos secretos  
e o esplendor oriental,  
tudo falaria  
à alma e ciciaria  
na sua língua natal.  
Lá tudo é ordem, sutileza,  
calma, volúpia e beleza.  
Nos canais, vadios,  
olha esses navios  
cujo destino é errabundo.  
É para que vejas  
tudo o que desejas  
que eles vêm do fim do mundo.  
O sol, no poente,  
com tons de ouro quente,  
os canais, toda a cidade  
e os campos garante.  
A terra adormece  
à tépida claridade.  
Lá tudo é ordem, sutileza,  
calma, volúpia e beleza.

Seleção de traduções publicadas na seção “Sob a vinha alheia”, do livro *Poesias*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1954.

